



# VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



## A ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM FILOSOFIA

Rui C. Mayer<sup>1</sup>  
ruicmayer@gmail.com

### Introdução

O presente resumo expandido apresenta as diretrizes teórico-conceituais básicas do projeto de desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica e de sua correspondente tese. Esta projeção investigativa tem por título *A estética na formação docente em filosofia: uma interpretação axiológica/curricular pela perspectiva da Teoria Crítica*. O patamar referencial desta investigação se estende, inicialmente, em torno e a partir do moderno conceito de estética, em sua origem marcado pelas obras dos filósofos germânicos A. Baumgarten (1714-1762) e I. Kant (1724-1804), e que pode ser assim definido:

Com esse termo designa-se a ciência (filosófica) da arte e do belo. O substantivo foi introduzido por Baumgarten, por volta de 1750, num livro (*Aesthetica*) em que defendia a tese de que são objeto da arte as representações [...] sensíveis [...], enquanto são objeto do conhecimento racional as representações distintas (os conceitos). [...] Kant [...] chama de “E.[stética] transcendental” [...] a doutrina das formas a priori do conhecimento sensível. [...] hoje, esse substantivo designa qualquer análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte e o belo, independentemente de doutrinas ou escolas. (ABBAGNANO, 2007, p. 367.)

No meio acadêmico, por conseguinte, o termo “estética” designa, em seu sentido histórico-filosófico original, este campo de reflexão acerca da sensibilidade, da expressão e da apreciação da beleza; e, contemporaneamente, já em um sentido derivado, designa também a sua correspondente disciplina, presente nos currículos da formação docente em

<sup>1</sup> Cursa o doutorado em Educação na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro/PR), com a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Neuvald; tem mestrado em Educação (na linha de Filosofia e Educação) e graduação (no bacharelado e na licenciatura) em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB/DF); participa do Grupo de Pesquisa Sociedade, Formação, Cultura e Tecnologia (Unicentro/PR).

Organização:



Apoio:





# VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



filosofia. A teoria crítica, especialmente com T. Adorno (1903-1969) e H. Marcuse (1898-1979), desenvolveu uma perspectiva que pode abranger ambos os sentidos, com o conceito de dimensão estética, perspectiva a qual baliza essa projeção de investigação.

## Plano básico da discussão

Na curricularização da estética e nos valores aí implicados, objetiva-se então a problemática da referida investigação. Esta problemática pode ser expressada, pois, numa complementar sequência de questões: *que relações se formam entre a dimensão estética e a curricularização da estética? como a disciplina estética se posiciona e atua no currículo da formação docente em filosofia?* e, por fim, *qual vem e/ou pode vir a ser o significado dessa presença da estética na formação de professores de filosofia?*

Essa investigação, portanto, pode ser vista como bastante oportuna, especialmente diante da invasiva e avançada fragilização do ensino de filosofia que vem ocorrendo nos espaços da educação escolar. Este processo, evidente à experiência, pode ainda ser apreendido a partir da análise e pela crítica das vigentes *Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC – Formação)* e *Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC – Formação Continuada)*.

O intento dessa investigação, por conseguinte, é *analisar axiologicamente a presença da estética nos currículos de licenciaturas em filosofia de seis instituições públicas de ensino superior da Região Sul do país, desde a concepção teórico-crítica de dimensão estética, de maneira a interpretar o significado da estética nos currículos investigados*. Por sua feita, é uma investigação que apresenta características simultâneas e complementares de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa.

É bibliográfica, em sua reportação ao referencial da teoria crítica, especialmente com T. Adorno e H. Marcuse, cuja obra em geral, e particularmente em *Teoria estética* (Adorno, 1970/1993) e *A dimensão estética* (Marcuse, 1977/1999), permite uma parametrização da cultura e da educação pelo conceito de dimensão estética. É qualitativa,

Organização:



Apoio:





# VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



ao preconizar a análise de determinados documentos, tais como por exemplo, da *BNC – Formação* e da *BNC – Formação Continuada* – e, especialmente, de matrizes curriculares de licenciaturas em filosofia.

Visa-se, assim, ao desenvolvimento da fundamentação do significado da estética para os currículos da formação docente em filosofia, pela assunção de uma perspectiva que conceba e valorize uma formação cultural multidimensional (na qual a estética concorra paritariamente) e emancipatória (pela qual os sujeitos em formação possam se apropriar de si e por si mesmos), e capaz de perpassar a formação docente em filosofia. Na perspectiva teórico-crítica – assumida nessa projeção investigativa –, tal discussão vem a se desenvolver a partir e em torno do conceito de dimensão estética.

## Diretrizes básicas da discussão

O conceito de dimensão estética veio perpassando toda a criação filosófica e científico-social dos pensadores da teoria crítica. Entretanto é possível apontar três marcos mais importantes no desenvolvimento deste conceito, o primeiro em algo simbólico e os seguintes muito significativos:

1) o nono capítulo do livro *Eros e civilização* (Marcuse, 1955/1975), chamado justamente de *A dimensão estética*, em que H. Marcuse confronta a moderna tradição estética, desde I. Kant, com as contribuições e implicações que a teoria psicanalítica de S. Freud trouxe para a filosofia e as ciências sociais contemporâneas:

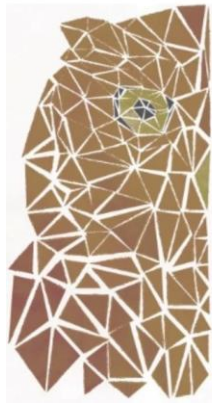
Para Kant, a dimensão estética é o meio onde os sentidos e o intelecto se encontram. A mediação realiza-se pela imaginação [...]. Além disso, a dimensão estética também é o meio onde a natureza e a liberdade se encontram. Essa dupla mediação é requerida pelo conflito geral entre as faculdades superiores e inferiores do homem, o qual é gerado pelo progresso da civilização – um progresso obtido através da subjugação das faculdades sensuais à razão e através de sua utilização repressiva para as necessidades sociais. O esforço filosófico de mediação, na dimensão estética, entre sensualidade e razão manifesta-se, pois, como uma tentativa para reconciliar as duas esferas da existência humana que foram separadas à força e despedaçadas por um princípio de realidade repressivo. (MARCUSE, 1975, p. 160-161.)

Organização:



Apoio:





## VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



2) o alentado livro *Teoria estética* (Adorno, 1970/1993), no qual T. Adorno elabora a sua própria concepção de estética – em relação à discussão teórico-crítica do capitalismo e da sociedade industrial –, definindo parâmetros sociais, políticos, culturais e artísticos para a definição dos fenômenos estéticos – ou seja, os fenômenos acerca da sensibilidade, da expressão e da apreciação da beleza –, numa perspectiva emancipatória acerca da formação dos sujeitos:

Se, na arte, as características formais não podem ser interpretadas politicamente, nada, porém, existe nela de formal sem implicações conteduais, que se estendem até à política. Na libertação da forma, [...] cifra-se antes de tudo a libertação da sociedade, pois, a forma, a coerência estética de todo o elemento particular, representa na obra de arte a relação social; eis porque o estado de coisas existente repele a forma emancipada. Este fenômeno é confirmado pela psicanálise. [...] Hoje, o momento sociocrítico das obras de arte tornou-se oposição à realidade empírica enquanto tal, porque esta se tornou uma ideologia desdobrada de si mesma, substância da dominação. Que a arte, por seu turno, não seja indiferente a tal respeito e não se torne um jogo gratuito e decoração do mecanismo social, depende da medida em que as suas construções e montagens são ao mesmo tempo desmontagens, integrando em si, desorganizando-os, os elementos da realidade que livremente se associam em algo de diferente. (ADORNO, 1993b, p. 285-286.)

3) o ensaio também chamado *A dimensão estética* (Marcuse, 1977/1999), em que H. Marcuse desenvolve a perspectiva emancipatória de T. Adorno acerca da estética, defendendo então que a dimensão estética se constitui como um espaço/tempo apropriadamente emancipatório:

A arte abre uma dimensão inacessível a outra experiência, uma dimensão em que os seres humanos, a natureza e as coisas deixam de se submeter à lei do princípio da realidade, hoje dominante. [...] O encontro com a verdade da arte acontece na linguagem e imagens distanciadoras, que tornam perceptível, visível e audível o que já não é ou ainda não é percebido, dito e ouvido na vida diária.

[...] Se as pessoas fossem livres, então a arte seria a forma e a expressão da sua liberdade. A arte continua presa da ausência de liberdade; ao contradizê-la, adquire a sua autonomia. O nomos a que a arte obedece não é o do princípio da realidade estabelecida, mas o das suas transformações – até à sua negação. (MARCUSE, 1999, p. 74.)

Organização:



Apoio:





# VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



## Considerações finais

O que se pretende como novo nessa investigação, porquanto, é a proposição de que a empreendida abordagem pode ter seu desenvolvimento estendido por uma trilha ainda a ser mais examinada: a da exploração de uma interpretação acerca do sentido multidimensional e emancipatório da estética para o currículo da formação de professores de filosofia. Além disso, é possível sustentar como um panorama em algo inovador, no estado da arte filosófico-educacional, a perspectiva da harmonização entre a elaboração estética da teoria crítica e a curricularização da estética nas licenciaturas em filosofia. Assim como proposto, por conseguinte, o projeto de uma compreensão teórico-crítica dos valores formativos implicados na presença da estética no currículo da formação docente em filosofia – tomado, então, pela discreta expectativa de contribuir para uma discussão acerca desta formação – mostra-se uma pretensão cabível e exequível.

## Referências

ABBAGNANO, N. Estética. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de filosofia**. Trad. de Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (p. 367-374).

ADORNO, T. W. **Teoria estética**. Trad. de Artur Morão. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1993 (original de 1970).

BRASIL. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020**: Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC – Formação Continuada). Brasília: MEC, 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**: Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC – Formação). Brasília: MEC, 2019.

MARCUSE, H. **A dimensão estética**. Trad. de Maria E. Costa. Lisboa: Edições 70, 1999 (original de 1977).

\_\_\_\_\_. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Trad. de Álvaro Cabral. 8 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1975 (original de 1955).

Organização:



Apoio:

